

CERAS

Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco



Relatório de Actividades 2018

Um projecto



Com o apoio



CONTINENTE



Ficha Técnica:

Redação: Samuel Infante e Filipa Lopes

Tratamento dos dados: Luís de Matos, Ana Rita Romão, Inês Lopes e Marlene Seborro

Fotografia: Arquivo Quercus, Samuel Infante, Jorge Infante, Luís Matos e Filipa Lopes

Edição: QUERCUS A.N.C.N. - Castelo Branco, Fevereiro 2019

CERAS – Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco

Quinta da Sra. de Mércules 6001-909 Castelo Branco – Portugal

Telf.: (00351) 963957669 ceras.quercus@gmail.com

<http://www.quercus.pt/ceras>

<https://www.facebook.com/CERASCB/>

QUERCUS – A.N.C.N. – Castelo Branco

Rua Tenente Valadim, número 19, r/c. 6000-352 Castelo Branco

Telf.: (00351) 272324272 castelobranco@quercus.pt

Agradecimentos

Este relatório reflecte o trabalho, dedicação e entusiasmo da equipa do núcleo albicastrense da Quercus A.N.C.N. e dos voluntários e estagiários que nos acompanharam ao longo do ano de 2018, sem o esforço dos quais seria possível continuar este projecto. De entre os muitos colaboradores destacamos alguns dos mais assíduos: Ana Asensio, Eulália Alves, Luís de Matos, Margarida Stela Cardoso, Maria Pereira, Mariana Fragoso, Liliana Stevens, Patrícia Ribeiro, Mariana Lázaro, Sara Roberto, Hugo Maio, David Coelho, Ana Rita Romão, Cláudia Costa, Catarina Monteiro, Ana Azevedo, Patrícia Couto, Rui Mendonça, Susana Bento, Guilherme Pereira, José Fafián, María-Ángeles Lozano, Leonardo Sales, Inês Vicente, Antonio Falbo, Carmen Rodrigues, Jeanne Dufieux, Mercedes Estesó, Beatriz Souza, Paula Bolívar, Eva Cuesta, Arnandina Loureiro, Eduarda Nunes, Lara Infante, Matilde Santos, Raquel Crespo, Ricky Nelson, Rui Cipriano, Natércia Henrique, Samuel Lemos, Paulo Alves, Jorge Infante, entre muitos outros.

Um especial agradecimento a Maria Otilia Urbano, Alfonso Godinho e Vulture Conservation Foundation nas acções de conservação e marcação de abutres-pretos.

Agradecemos especialmente ao Dr. João Barreira e restante equipa veterinária da Vetbeirão Serviços Veterinários pela colaboração no diagnóstico e tratamento cirúrgico.

Agradecemos ao Dr. Humberto Pires e à Dra. Eva Cleto (Consultório Agrivet) pelo entusiástico apoio clínico em inúmeros casos.

Um agradecimento especial à Escola Superior Agrária de Castelo Branco, representada pelo Doutor Celestino Almeida e o Dr. Francisco Frazão, pela possibilidade de utilização das suas instalações, laboratórios, equipamentos e materiais. Em especial à Doutora Ana Matos e à Engenheira Telma pela colaboração e amizade pelo projecto do CERAS.

Agradecemos profundamente a colaboração da Good Mood - Eco & Art Org e do Município de Castelo Branco, que através dos seus apoios têm permitido o crescimento deste projecto, destacando-se este ano a contribuição dada para as obras de alargamento do CERAS.



Um agradecimento também às empresas que prestam mecenato ambiental e cuja contribuição tem sido fundamental para o bom funcionamento do centro, como o Continente SONAE S.A., TRANSDEV, Ambimed Gestão Ambiental Lda, Agriloja e Serralharia Manuel Martins.

Deixamos também uma palavra de apreço a todos aqueles que colaboraram connosco através da recolha e entrega dos animais, incluindo as várias equipas do SEPNA – GNR e os vigilantes da natureza do ICNF, ou através do apadrinhamento de animais em recuperação e donativos.

A todos os que contribuíram para este projecto, um grande bem-haja.

Resumo

O Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens (CERAS) é um projecto do núcleo regional de Castelo Branco da Quercus, com o apoio da Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB), o eco-festival Salva-a-Terra, e outros mecenas. O principal objectivo é a recuperação dos animais selvagens debilitados e devolução ao meio natural. O CERAS também colabora com vários projectos nacionais na recepção de cadáveres para estudos, necropsia e colheita de amostras.

Paralelamente desenvolvem-se outras actividades, como acções de formação e de educação ambiental e estudos nas áreas de medicina-veterinária e biologia.

O CERAS tem as suas instalações na Escola Agrária de Castelo Branco (ESA-IPCB), e funciona essencialmente graças ao trabalho de voluntários e estagiários.

Em 2018, o CERAS registou trezentas e oito entradas (308). A maior afluência deu-se nos meses de Maio, Junho, Julho e Agosto. A grande maioria dos animais que deu entrada no CERAS foi proveniente do distrito de Castelo Branco (n=193), seguido de Portalegre (n=43).

As entidades que entregaram o maior número de animais foram a GNR, sobretudo através das equipas do SEPNA (38%), os particulares (25%), os vigilantes da natureza do ICNF (25%), sobretudo do Parque Natural da Serra de São Mamede, e a própria Quercus (11%).

As aves constituíram a grande maioria dos animais que deu entrada (85%), das quais se destacaram os Passeriformes com 27% e os Falconiformes com 23% das admissões. As aves de rapina nocturnas, Strigiformes, também representam uma parte considerável das entradas com 18%. Tanto os Apodiformes como os Ciconiiformes representaram 13%. No que diz respeito à entrada de espécies com estatuto de conservação em Portugal continental de Criticamente em perigo (CR), Em



perigo (EN) e Vulnerável (VU) verificou-se uma diminuição face ao ano anterior, correspondendo a cerca de 3,9% dos animais que entraram em 2018.

As causas de entrada mais frequentes foram queda ou destruição do ninho (23%), traumatismos diversos (20%), debilidade e desnutrição (11%), suspeita de envenenamento ou intoxicação (9%) e atropelamento (8%).

Dos 308 registos de entradas no centro em 2018, 33 diziam respeito a cadáveres ou iscos/amostras, 144 morreram, dos quais 59 sofreram eutanásia, 118 foram libertados ou recolocados, e 6 mantiveram-se ainda em processo de recuperação para 2019. A taxa de recuperação em 2018, excluindo os animais aos quais foi feita eutanásia, foi de 53%.

Foram desenvolvidas mais de 120 acções de educação e sensibilização ambiental, como a libertação dos animais recuperados ou workshops que envolveram essencialmente a população da região de Castelo Branco. O CERAS colaborou ainda com diversos projectos de investigação, sobretudo relacionados com a conservação da Natureza.



INDICE

1. Introdução.....	8
2. Instalações.....	9
3. Recursos humanos.....	14
4. Áreas de acção.....	15
4.1. Recuperação de animais.....	15
4.1.1. Evolução anual do número de entradas.....	18
4.1.2. Evolução do número de entradas ao longo do ano.....	19
4.1.3. Origem geográfica dos animais.....	20
4.1.4. Entidades que entregaram animais.....	20
4.1.5. Espécies.....	21
4.1.6. Principais causas de entrada.....	26
4.1.7. Resultados da recuperação.....	28
4.2. Marcação e seguimento de fauna.....	28
4.3. Educação ambiental.....	30
4.4. Manutenção, divulgação e captação de recursos.....	38
4.5. Formação.....	39
4.6. Investigação.....	42
5. Objectivos futuros.....	46
6. Bibliografia.....	47
Anexo I: Historial dos animais admitidos no CERAS em 2018.....	49



1. Introdução

O presente relatório visa documentar as principais actividades desenvolvidas pelo Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco (CERAS) em 2018.

O CERAS está em funcionamento desde 1999 e tem as suas instalações na Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB). É gerido pelo núcleo regional de Castelo Branco da Quercus – Associação Nacional de Conservação da Natureza (Quercus) e conta com o apoio da ESACB, do Continente, de particulares e de diversos mecenas da região. Funciona essencialmente graças ao trabalho de voluntários e estagiários.

O principal objectivo deste projecto é recuperar animais selvagens debilitados, devolvendo-os posteriormente ao meio natural. Paralelamente desenvolvem-se outras actividades, maioritariamente relacionadas com a conservação da Natureza e que não interferem com o processo de recuperação dos animais, como acções de formação e de educação ambiental e estudos nas áreas de biologia e veterinária.

2. Instalações

As instalações do CERAS estão maioritariamente direccionadas para aves, dado que este é o grupo faunístico com mais registos. A Escola Superior Agrária permite a utilização de salas, laboratórios, materiais e outros recursos quando necessário.

Actualmente as principais infra-estruturas são:

Enfermaria: Sala para exame físico e tratamento dos animais. Está equipada com uma mesa de exploração, equipamento para anestesia volátil, dois frigoríficos, um microondas, uma bancada com água corrente, vários armários com medicamentos e material clínico.



Imagem 1 - Vista geral da enfermaria do CERAS. Foto: arquivo Quercus.

2 Internamentos: Salas com aquecimento, onde podem ser contidos animais em três caixas de grande dimensão e duas de pequena, além de caixas transportadoras. Aqui são colocados os animais que necessitam de isolamento e/ou restrição de movimentos, para seu tratamento e/ou observação. Uma das salas recebe as crias de passeriformes durante a época de reprodução;



Imagens 2 e 3 - Salas de internamento. Foto: arquivo Quercus.

Sala de necropsia: Sala com mesa para realização de necropsias, duas arcas congeladoras para armazenamento de cadáveres e amostras. Possui ainda um microscópio, uma lupa e duas centrífugas.

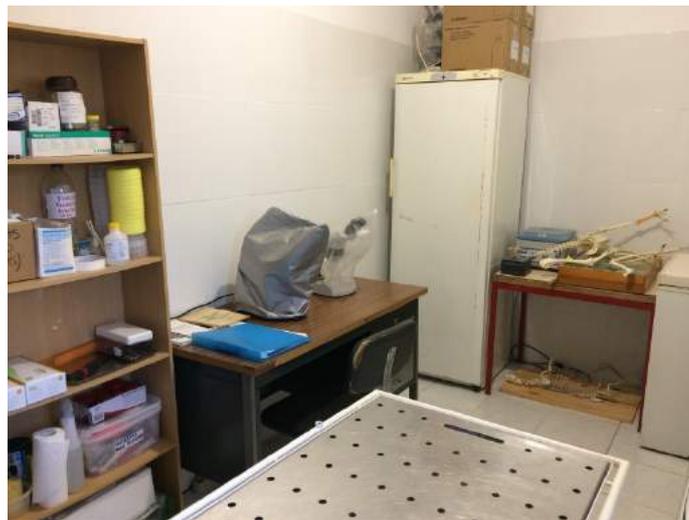


Imagem 4 - Sala de necropsia. Foto: arquivo Quercus.

7 câmaras de recuperação: Pequenos compartimentos exteriores, construídos em cimento e azulejos. Estas instalações permitem vigiar os animais, mantendo-os em situação de repouso. Destinam-se a animais que não precisam de aquecimento, nem tratamentos continuados, e que já se alimentam sozinhos. Por vezes também são utilizados como internamento para animais de grande porte, como grifos ou cegonhas. Estas instalações têm capacidade para conter mamíferos. Foram construídas três novas câmaras de recuperação em 2018 sendo uma delas adaptada para receber mamíferos de tamanho médio.



Imagens 5 e 6 - Câmaras de recuperação durante a fase de construção e concluídas. Fotos: arquivo Quercus.

5 câmaras de muda: Compartimentos exteriores de média dimensão, revestidos a rede. Destinam-se a receber animais em fase de recuperação mais avançada, ou seja, que não estejam imobilizados nem necessitem de tratamentos diários, e que se alimentem autonomamente. Isto permite-lhes uma maior estimulação e, em alguns casos, iniciar o treino do voo;



Imagem 7 - Uma pequena gaiola, já existente, mas sem uso, foi recuperada como projecto de um estagiário. Foto: arquivo Quercus.

6 Túneis de voo: Instalações exteriores de grande dimensão, revestidas com rede de sombra. Destinados aos animais em fase final de recuperação, permite exercitar o voo e a caça, em condições que tentam simular as que encontram na Natureza. Em 2018 foram contruídos dois novos túneis, um circular com 8 metros de raio que vai permitir a

aves de tamanho pequeno e médio exercitar de forma mais eficiente o voo, e um outro túnel com 12 metros de comprimento e 6 metros de largura.



Imagens 8 e 9 - Construção de dois novos túneis de voo. Foto: arquivo Quercus.

Biotério: Compartimento destinado à produção de alimento vivo para os animais em recuperação, nomeadamente ratos (*Mus musculus*) e lagartas da farinha (*Tenebrio molitor*). É constituído por 36 caixas de produção, cada uma com uma a três fêmeas e um macho, assim como 2 caixas de engorda de juvenis e 2 caixas de reposição (uma de machos e outra de fêmeas).

A possibilidade de fornecer alimento vivo é muito importante na fase de pré-libertação, pois permite avaliar a capacidade de caça dos animais e melhorar as hipóteses de sobrevivência dos indivíduos, ao fornecer uma alimentação mais parecida com a existente na Natureza.



Imagem 10 - Biotério. Foto: arquivo Quercus.



Arrecadação: Divisão onde se encontram armazenados diversos materiais de manutenção e construção. Consta de 4 arcas congeladoras (2 com alimentos congelados e 2 com cadáveres e amostras) e um frigorífico para guardar alimentos.

Zona de lavagem e preparação de alimentos: Compartimento dividido em duas partes, com materiais diferentes: uma zona limpa, destinada à preparação dos alimentos dos animais, e uma zona suja, destinada a limpeza e desinfeção dos materiais. É obrigatório o cumprimento do protocolo de biossegurança, limpeza e desinfeção, para evitar a proliferação de microorganismos.

3. Recursos humanos

Dada a escassez de recursos e as exigências particulares do trabalho desenvolvido no centro, o voluntariado e os estágios curriculares têm-se assumido como os principais pilares para o bom funcionamento do CERAS. Em 2018 realizaram-se 14 estágios no CERAS e colaboraram regularmente mais de 50 voluntários.

Os voluntários são de todas as idades e formações, sendo o denominador comum a vontade de ajudar neste projecto e de aumentar os conhecimentos sobre fauna selvagem. As funções atribuídas a cada voluntário dependem da sua disponibilidade, interesse e formação.

Algumas das colaborações efectuadas em 2018:

- Estágio curricular final da Licenciatura em Enfermagem Veterinária da Escola Superior Agrária de Castelo Branco (3 estagiárias)
- Estágio curricular final do Curso Técnico Superior Profissional de Cuidados Veterinários na Escola Superior Agrária de Castelo Branco (1 estagiária)
- Finalização do estágio curricular final do Mestrado Integrado em Medicina Veterinária do Instituto Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto (ICBAS-UPorto) iniciado em 2017 e apresentação do relatório final de estágio (1 estagiária)
- Estágio formativo intermédio da Escola Profissional Agrícola D. Dinis – Paiã (2 estagiários)
- Estágio intermédio de curta duração do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Évora (1 estagiário)
- Programa de mobilidade Erasmus Plus com a Universidade de Múrcia (3 estagiárias de nacionalidade espanhola e 1 estagiário de nacionalidade italiana) e com o Clube Intercultural Europeu (1 estagiária de nacionalidade francesa)
- Programa de mobilidade Argo (1 estagiária de nacionalidade espanhola)
- Trabalho comunitário dos Serviços de Reinserção Social (1 beneficiário)

4. Áreas de ação

Para além da recuperação de animais selvagens, em 2018 o CERAS continuou a desenvolver actividades nas áreas de educação ambiental, formação e investigação. Outra parte muito importante do trabalho desenvolvido no CERAS prende-se com a manutenção e melhoria das suas infra-estruturas.

4.1. Recuperação de animais

O principal objectivo do CERAS consiste em recuperar os animais selvagens debilitados, feridos ou doentes, e devolvê-los ao meio natural em condições físicas e psicológicas que lhes permitam sobreviver e se desenvolverem normalmente em liberdade. Este processo passa por diferentes fases. Em qualquer caso, deverá ser o mais breve possível, minimizando ao máximo o contacto e manipulação, e com conhecimento dos comportamentos e hábitos das espécies.

Quando um animal chega ao CERAS, é atribuído um número de identificação e cria-se uma ficha de entrada, onde é registada toda a informação relativa a esse indivíduo e ao seu processo de recuperação. De seguida o animal é sujeito a uma avaliação clínica, com delineação dos planos de diagnóstico e tratamento.



Imagem 11 - Realização de fisioterapia a um bufo-pequeno (*Asio otus*) após cirurgia para correcção de uma fractura no úmero. Foto: arquivo Quercus.



Imagem 12 - Enxerto de penas retrizes a um açor (*Accipiter gentilis*) juvenil.

Foto: arquivo Quercus.

O objectivo do processo de recuperação é a libertação do animal. Na impossibilidade de restituí-lo à natureza, o animal pode tornar-se irrecuperável e ser transferido para um parque biológico que tenha disponibilidade para o receber, caso seja garantido que as lesões ou alterações comportamentais que o impossibilitam de ser devolvido à natureza não comprometem o seu bem-estar. Na impossibilidade de recuperação do animal e na presença de dor e sofrimento é feita a eutanásia por métodos humanitários. Em alguns casos verifica-se a morte dos animais internados, geralmente no decurso do processo patológico.

a) Libertação: A libertação de um animal só ocorre quando se considera que este atingiu um grau de recuperação, tanto física como psicológica, que permita a sua sobrevivência na Natureza, nomeadamente quando este estiver fisiologicamente estável e for capaz de se deslocar, alimentar e comportar satisfatoriamente. Nas últimas fases da recuperação é feita uma revisão atenta do voo e comportamento. No caso das aves de rapina, é oferecida presa viva (nomeadamente ratos do biotério do centro ou outros animais de criação como coelhos, codornizes e patos) para comprovar as capacidades de caça. O local de libertação é escolhido para maximizar as hipóteses de sobrevivência do indivíduo, sendo dada preferência sempre que possível ao local de origem. Os particulares que encontraram o animal, as equipas do SEPNA que fazem a entrega, escolas da região e os padrinhos que apoiaram a recuperação do animal são frequentemente convidados a participar no momento. Antes de serem libertadas, todas as aves são marcadas por meio de anilhas metálicas CEMPA, para poderem ser identificadas em caso de recaptura, excepto caso a marcação seja considerada arriscada ou prejudicial para o animal. Actualmente são colocadas anilhas em PVC colorido, em Ciconiiformes

(*Ciconia nigra* e *Ciconia ciconia*) e abutres (*Gyps fulvus* e *Aegypius monachus*); estas anilhas permitem identificar o animal à distância. Desde 2009 decorre um programa de marcação com marcas alares patagiais em abutres (*Gyps fulvus* e *Aegypius monachus*), com o mesmo objectivo. Em 2018, 12 aves foram marcadas com anilhas de PVC e 20 aves com marcas alares.



Imagem 13 - Marcação de Grifo (*Gyps fulvus*) com marcas alares patagiais.

Foto: arquivo Quercus.

- b) Morte: Em caso de morte (por eutanásia ou morte natural) os cadáveres são sujeitos a necropsia, para esclarecer a causa de morte, identificar e registar as lesões anatomopatológicas encontradas e realizar a colheita de amostras nos casos em que se justifique. A eutanásia é praticada em animais cujo prognóstico é muito mau por serem as possibilidades terapêuticas praticamente nulas e não estando salvaguardada a qualidade de vida do indivíduo irrecuperável em cativeiro.
- c) Irrecuperável: Um animal é considerado irrecuperável quando não pode ser devolvido à natureza por causa de lesões físicas ou alterações comportamentais, mas considera-se que tenha qualidade de vida em cativeiro. Normalmente os animais irrecuperáveis são transferidos para parques biológicos licenciados pelo ICNF e adaptados para receber estes espécimes ou enviados para programas de reprodução. Em algumas situações concretas, os animais irrecuperáveis permanecem no CERAS com o objectivo de apoiar na recuperação de outros espécimes.

4.1.1. Evolução anual do número de entradas

Em 2018 registaram-se 308 admissões, das quais 33 são referentes a cadáveres (n=27; 9%) ou iscos e amostras (n=6; 2%), como ilustrado no Gráfico 1. O número de entradas sofreu uma redução de 54 entradas comparativamente com 2017, que foi um ano excepcional devido à seca extrema e aos grandes incêndios (Gráfico 2).

Registou-se apenas um caso de reentrada de um animal previamente libertado, no caso uma águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) libertada pelo CERAS neste mesmo ano. Foram transferidos a partir de outro centro para o CERAS 15 animais, nomeadamente 12 aves do CRASSA (Centro de Recuperação de Animais Selvagens de Santo André) e 3 grifos (*Gyps fulvus*) do RIAS (Centro de Recuperação e Investigação de Animais Selvagens) em Olhão.

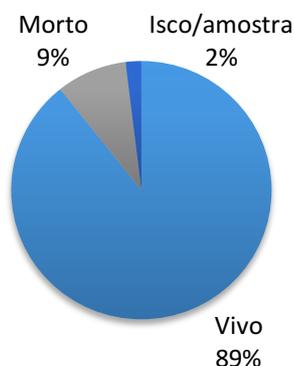


Gráfico 1: Animais admitidos vivos ou mortos no CERAS em 2018.

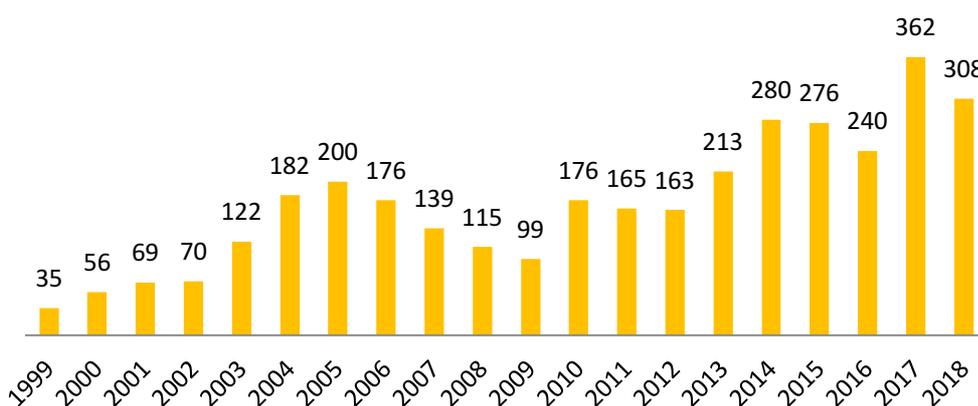


Gráfico 2: Evolução anual do número de entradas no CERAS.



Imagem 14 e 15 - Coruja-das-torres (*Tyto alba*) proveniente do CRASSA.

Foto arquivo Quercus.

4.1.2. Evolução do número de entradas ao longo do ano

Como expectável, os meses de Junho e Julho corresponderam a um pico muito forte de entradas comparativamente com os outros meses do ano, uma vez que há um grande número de crias e juvenis nesta altura do ano (Gráfico 3).

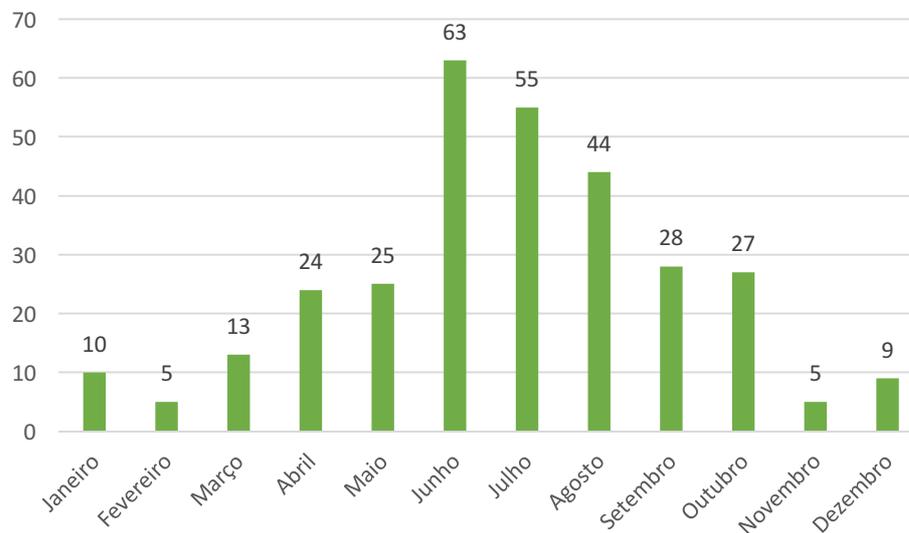


Gráfico 3: Número de entradas ao longo do ano 2018.

4.1.3. Origem geográfica dos animais

A grande maioria dos animais que deu entrada no centro foi oriunda do distrito de Castelo Branco (63%, n=194), existindo ainda uma percentagem considerável de animais provenientes do distrito de Portalegre (14%, n=43). Destacam-se também os provenientes de Évora (9%, n=28) e Santarém (8%, n=24).

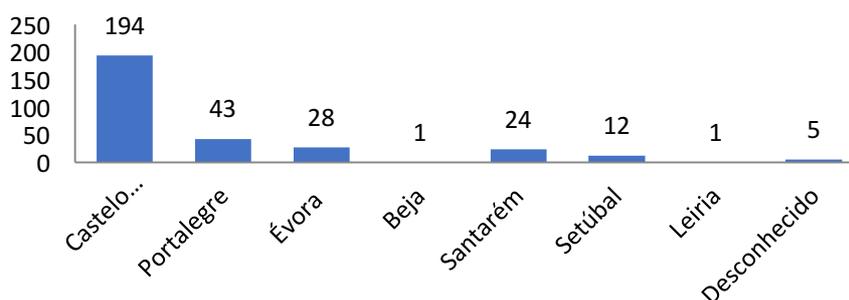


Gráfico 4: Origem geográfica dos animais em 2018.

4.1.4. Entidades que entregaram animais

A maioria dos animais que deram entrada no centro foi entregue pelo Serviço de Protecção da Natureza e Ambiente (SEPNA) da Guarda Nacional Republicana (GNR) ou por outros agentes da GNR não afectos ao SEPNA, representando 37% (n=116). Um quarto dos animais (25%, n=78) foi entregue por particulares e outro quarto dos animais (25%, n=78) por vigilantes da natureza do ICNF, sobretudo do Parque Natural da Serra de São Mamede (PNSSM) (20%, n=61). A própria Quercus, através dos seus colaboradores e voluntários, fez chegar 11% dos animais (n=33) e 1% (n=3) foram entregues pela PSP. O SEPNA tem assumido nos últimos anos um papel cada vez mais preponderante e contínuo na recolha, recepção, transporte e entrega dos animais selvagens encontrados feridos ou debilitados ao CERAS (Gráfico 5).

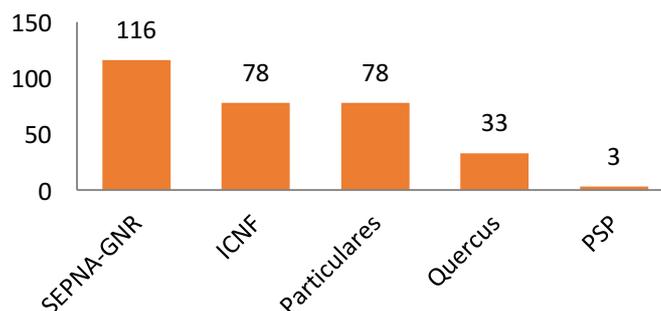


Gráfico 5: Entidades que entregaram animais (em número) em 2018.

4.1.5. Espécies

Tal como se verifica ano após ano, a grande maioria dos animais que ingressam no centro pertence à classe das aves (87%; n=263), devido à facilidade da sua captura, quando debilitadas. Os restantes animais que entraram no CERAS pertencem à classe dos mamíferos (11%; n=32) e dos répteis (2%; n=7).

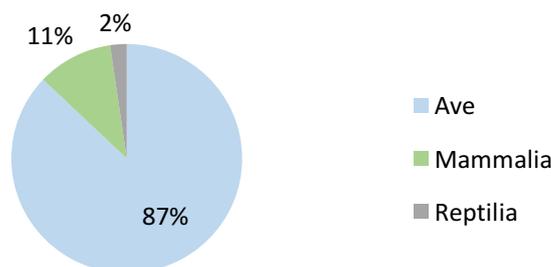


Gráfico 6: Animais que entraram no CERAS por classe taxonómica.

Como representado no Gráfico 7, dentro da classe Ave, destacam-se os Passeriformes com 27% (n=71) e os Falconiformes com 23% (n=60) das admissões. As aves de rapina nocturnas, Strigiformes, também representam uma parte considerável com 18% (n=47). Tanto os Apodiformes (n=34) como os Ciconiiformes (n=35) representaram 13% das aves recebidas no CERAS em 2018.

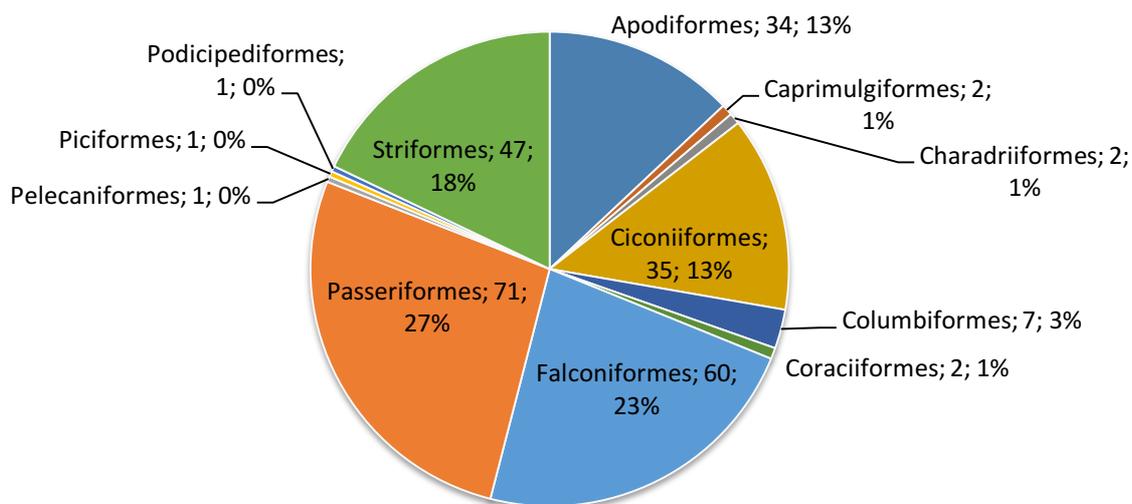


Gráfico 7: Percentagem de aves que entraram no CERAS por ordem taxonómica.

Algumas espécies de aves destacaram-se em número, pela entrada de 10 ou mais indivíduos ao longo do ano e estão representadas e quantificadas no Gráfico 8.

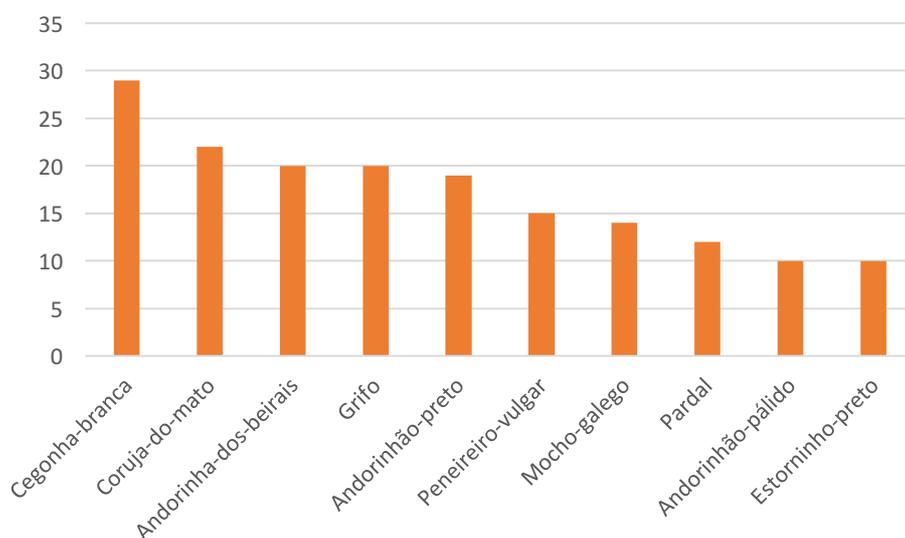


Gráfico 8: Espécies de aves com entrada igual ou superior a 10 indivíduos.

No que diz respeito aos mamíferos, em 2018 deram entrada 12 espécies, que se encontram representadas no gráfico 9 e das quais se destacam a raposa (*Vulpes vulpes*), o texugo (*Meles meles*) e o morcego-anão (*Pipistrelus pipistrelus*).

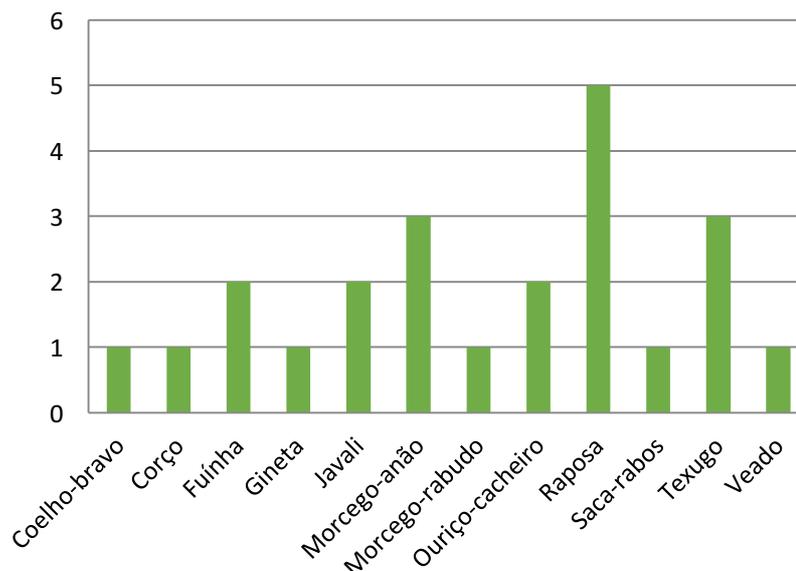


Gráfico 9: Número de indivíduos que deram entrada por espécie de mamíferos



Imagens 16 e 17 -Texugo (*Meles meles*) vítima de atropelamento em preparação para cirurgia. Fotos: arquivo Quercus.

De acordo com o Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal (Cabral *et al.*, 2005), a grande maioria dos animais que deu entrada no CERAS em 2018 era de espécies com estatuto de conservação Pouco Preocupante (LC) (81%, n=249). Animais de espécies com estatuto de conservação Criticamente em Perigo (CR) foram 5 (2%), Em Perigo apenas 1 (0,3%) e Quase Ameaçado (NT) 29 (9%), como ilustrado no Gráfico 10. Apresenta-se de seguida uma tabela (Tabela 1) com informação sobre os animais

recebidos cujo estatuto de conservação seja Criticamente em Perigo, Em Perigo ou Vulnerável.

Em alguns casos há Informação Insuficiente (DD) sobre o estatuto de conservação, por exemplo no caso dos mochos-de-orelhas (*Otus scops*). Além disso, a recepção de cadáveres de cães com suspeita de envenenamento no âmbito do Programa Antídoto ou a recepção, por diversas razões, de alguns escassos exemplares de espécies domésticas e/ou exóticas justificam que nem sempre haja classificação dessas espécies no referido Livro (Não aplicável).

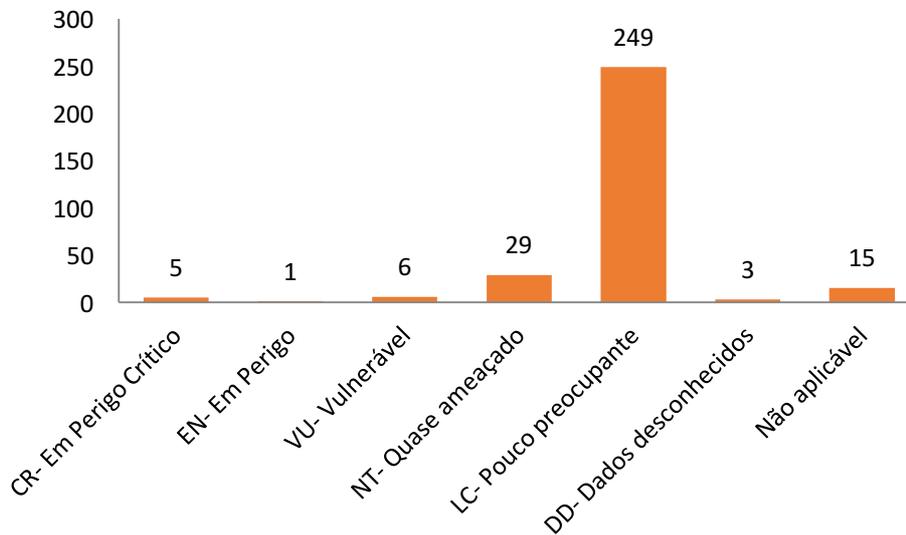


Gráfico 10: Distribuição de animais por estatuto de conservação.



Imagens 18 e 19 - Abutres-pretos (*Aegypius monachus*) em recuperação no CERAS. Fotos: arquivo Quercus.

Tabela 1 – Espécies recebidas no CERAS em 2018 cujo estatuto de conservação seja Criticamente em Perigo (CR), Em Perigo (EN) ou Vulnerável (VU).

Estatuto	Espécie	Origem	Causa	Resolução	Local
CR	<i>Aegypius monachus</i>	Idanha-a-Nova	Debilidade	Libertado	PNTI
CR	<i>Aegypius monachus</i>	Idanha-a-Nova	Debilidade	Libertado	PNTI
CR	<i>Aegypius monachus</i>	Fundão	Debilidade	Libertado	PNTI
CR	<i>Aegypius monachus</i>	Leiria	Envenenamento ou intoxicação	Morto	-
CR	<i>Aegypius monachus</i>	Ponte de Sor	Envenenamento ou intoxicação	Morto	-
EN	<i>Neophron percnopterus</i>	Castelo de Vide	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto	-
VU	<i>Accipiter gentilis</i>	Sertã	Queda de ninho ou órfão	Libertado	Castelo Branco
VU	<i>Pernis apivorus</i>	Castelo Branco	Trauma origem desconhecida	Morto	-
VU	<i>Accipiter gentilis</i>	Castelo Branco	Trauma origem desconhecida	Morto	-
VU	<i>Caprimulgus europaeus</i>	Castelo Branco	Atropelamento	Morto	-
VU	<i>Caprimulgus ruficollis</i>	Abrantes	Debilidade	Morto	-
VU	<i>Circus aeruginosus</i>	Elvas	Tiro	Morto	-

4.1.6. Principais causas de entrada

De modo geral, as principais causas de entrada de animais no CERAS são de origem traumática (Gráfico 11), e estão agrupadas em 18 categorias, como atropelamento (8%; n=25), colisão ou choque com janelas (3%, n=8), tiro (2%; n=5), electrocussão (4%; n=13), preso em rede ou arame farpado (2%; n=6) e sobretudo traumatismos de origem indiferenciada (19%; n=60). Cerca de um quarto dos animais que entraram em 2018 diz respeito a crias que caíram dos ninhos, ficaram órfãs ou com o ninho destruído (23%; n=71).

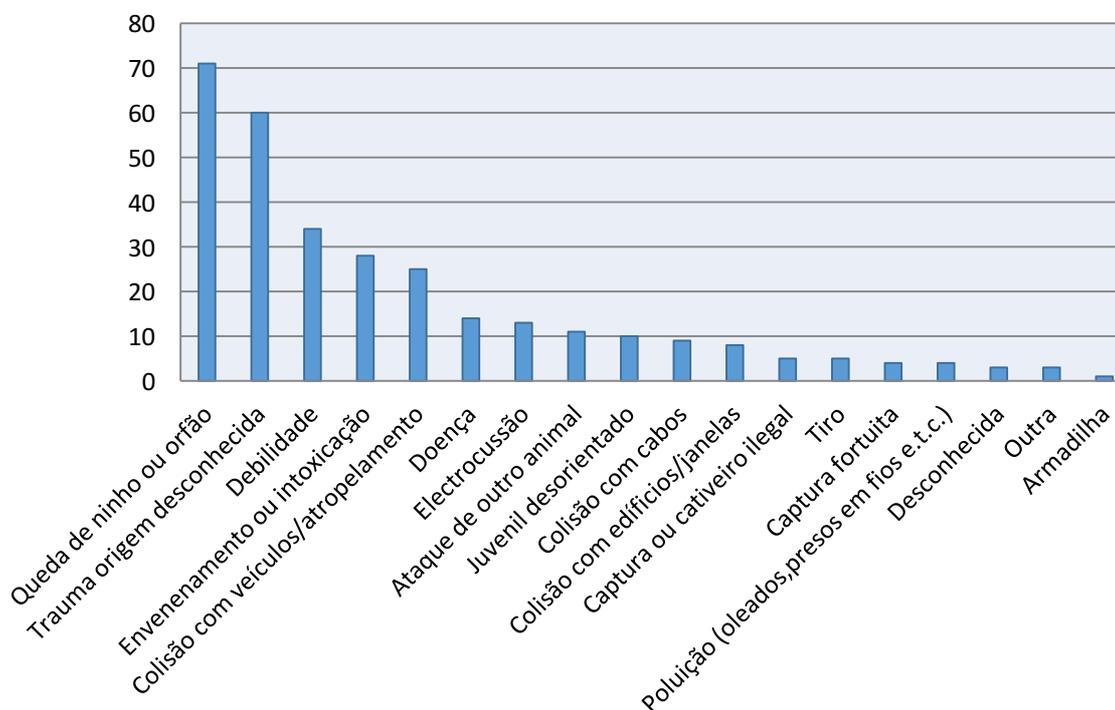


Gráfico 11: Causas de entrada no CERAS em 2018

Importa salientar que as causas de entrada são maioritariamente antropogénicas. A perseguição directa seja por tiro (2%; n=8) ou envenenamento (9%; n=28) e o cativoiro (1% n=5), apesar de ilegais continuam a ocorrer. Muitas destas causas de entrada estão associadas a interacções com infra-estruturas humanas (estradas, linhas eléctricas, vedações) ou com actividades humanas, como a criação de gado e a caça, entre outras.



Imagens 20 e 21: Avaliação clínica de águia-calçada (*Aquila pennata*) vítima de electrocussão. Fotos: arquivo Quercus.



Imagem 22: Morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus*) que deu entrada no CERAS vítima de um ataque de um gato doméstico.

4.1.7. Resultados da recuperação

Em 2018 o CERAS recebeu 308 animais vivos. Foram recuperados com sucesso e libertados 156 (49%) e morreram 154 animais (49%), dos quais 43 foram eutanásia. Ficaram irrecuperáveis 3 animais, que foram transferidos para Parques Biológicos. Transitaram para 2019 ainda em processo de recuperação 6 aves. Excluindo os animais aos quais foi realizada eutanásia, por se considerar não haver hipótese de recuperação, a taxa de recuperação de 2018 foi de 53%.

Da maioria dos animais que morreu, a morte ocorreu nos primeiros 2 dias após admissão no centro (n=39;), sendo que na sua maioria foi feita a eutanásia no momento de admissão no centro por se encontrarem lesões no exame físico incompatíveis com a mínima hipótese de recuperação e garantia de bem-estar do animal (Gráfico 12).

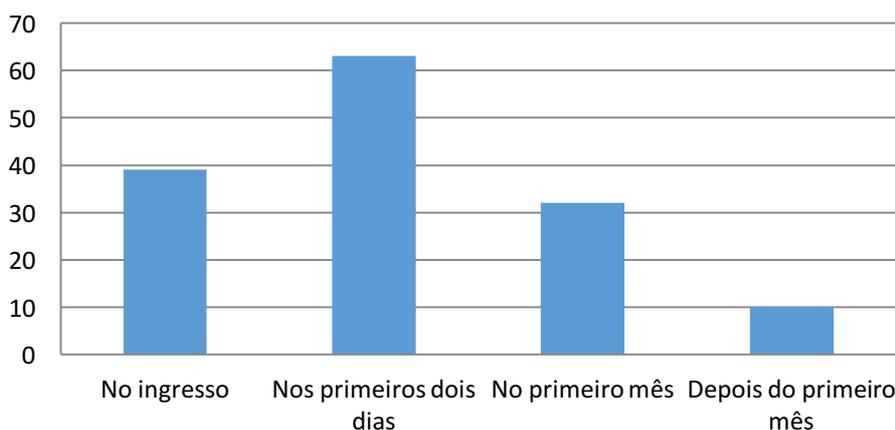


Gráfico 12: Número de animais mortos (morte natural e eutanásia) por período de tempo após entrada no centro

4.2. Marcação e seguimento de fauna

Foram marcadas 98 aves com anilha metálica CEMPA e 12 aves também com anilhas de cor (PVC) e outras 20 com marcas alares. Em 2018 recebemos informação de 4 aves controladas com marcas alares através do Portal da Maquia-programa AMS, de observadores particulares, e um controlo da central CEMPA. No que diz respeito ao seguimento de fauna prosseguimos com as monitorizações de aves nos campos de alimentação para necrófagas no Tejo Internacional e nas zonas circundantes, através da foto armadilhagem, censos e observações regulares.

Um dos abutres libertados e marcados no PNTI com a marca D4 no dia 18/07/2012 foi controlado novamente no alimentador de abutres - RACAN de Los Cubilares/Espartera Monegrillo Zaragoza-ESPANHA, tendo passado mais de 6 anos desde a sua marcação.



Imagem 23 - Grifo (*Gyps fulvus*) com marcas alares D4 marcado em 2012 no Parque Natural do Tejo Internacional. Foto: arquivo Quercus.



Imagens 24 e 25 - Do lado esquerdo, grifo (*Gyps fulvus*) com marcas alares D4 controlado em 2016 em Huesca, Espanha, no alimentador de abutres da rede aragonesa - RACAN de Santa Cilia de Jaca (Foto: Juan Pérez). À direita, o mesmo exemplar controlado em 2018 (Foto: Antonio Medrano).

As marcas alares deste indivíduo degradaram-se ao fim de 6 anos (Imagem 25), contudo são um tipo de marcação com um custo relativamente baixo face ao conjunto importante de controlos que providencia. Estes controlos permitem estudar e conhecer melhor a ecologia e movimentos das espécies marcadas, contribuindo desta forma

para uma avaliação do trabalho realizado no CERAS na recuperação de fauna e sua adaptação ao meio natural.



Imagens 26 e 27 - Recolha de biometrias em cegonha-branca (*Ciconia ciconia*) e colocação de anilha pvc de cor branca. Foto: arquivo Quercus.

4.3. Educação ambiental

Foram desenvolvidas diversas acções com o objectivo de sensibilizar e consciencializar a população para a Conservação da Natureza, nomeadamente as libertações dos animais recuperados no CERAS. Para esse efeito foram contactados, sistematicamente, os particulares que encontraram os animais, bem como algumas equipas da GNR e ICNF envolvidas na recolha e entrega dos animais, além das pessoas que contribuíram para a sua recuperação através do apadrinhamento e voluntariado no CERAS. Adicionalmente foram feitas libertações em escolas e eventos. De forma directa foram envolvidos mais de 1800 participantes.



Imagem 28 - Libertação de dois texugos (*Meles meles*). Foto: arquivo Quercus.



Imagem 29 - Libertação no Parque Natural do Tejo Internacional de um abutre-preto (*Aegypius monachus*) recuperado no CERAS em colaboração com o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas, na imagem representado pelo seu presidente. Foto: arquivo Quercus.

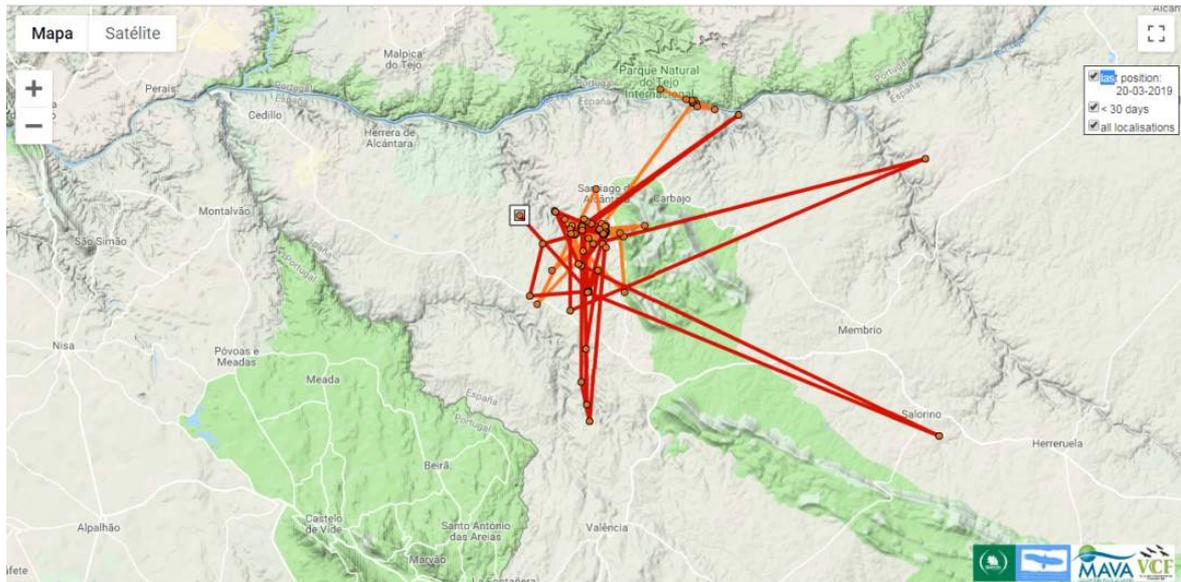


Imagem 30 - Mapa com movimentos de um dos 3 abutres pretos marcados com GSM em 2018 no CERAS. O link para seguimento das movimentações da ave foi disponibilizado nas redes sociais. Foto: arquivo Quercus.



Imagem 31 - Actividade com uma escola da região, incluindo uma palestra sobre a fauna selvagem e a libertação de uma águia-de-asa-redonda (*Buteo buteo*).

Fotos: arquivo Quercus.



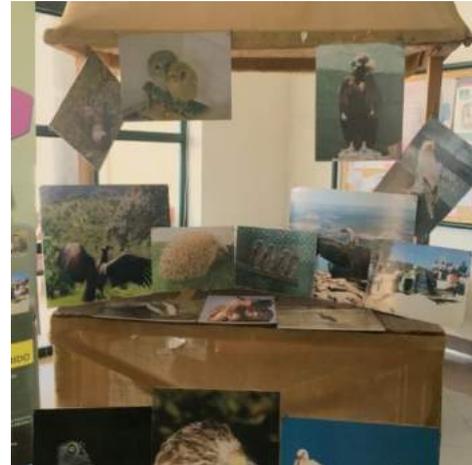
Imagem 32 - Libertação de uma coruja-do-mato (*Strix aluco*) com populares do Rosmaninhal. Foto: arquivo Quercus.



Imagem 33 - Libertação de duas corujas-do-mato (*Strix aluco*) com agentes da PSP e do SEPNA da Covilhã, responsáveis pela recolha e entrega no CERAS de cada uma delas. Foto: arquivo Quercus.



Imagem 34 - Libertação de 4 ouriços (*Erinaceus europaeus*) provenientes de Portalegre com duas escolas desse distrito. A entrega dos animais no CERAS e a organização da libertação foi feita pelos vigilantes do Parque Natural da Serra de São Mamede (ICNF). Foto: arquivo Quercus.



Imagens 35 e 36 - Exposição divulgativa sobre o trabalho do CERAS e do uso ilegal de venenos, na Feira Agro-agrária de Castelo Branco, realizada na Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESA-IPCB). Foto: arquivo Quercus.



Imagens 37 e 38 e - Mostras de curtas-metragens solidárias pelo CERAS, organizadas durante o mês de Maio, pelo Núcleo Regional da Quercus de Castelo Branco, a ST. Arte e o Curtas em Flagrante. Fotos: arquivo Quercus.



Imagem 39 - Libertação de cágado-mediterrâneo (*Mauremys leprosa*) e de mocho-galego (*Athene noctua*) no âmbito do projecto “Férias com Estilo”, da Associação de Pais do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva de Castelo Branco. Foto: arquivo Quercus.



Imagem 40 - Actividade explicativa da fauna selvagem com ATL, na ESA-IPCB.

Foto: arquivo Quercus.



Imagens 41 e 42 - Libertação de 2 andorinhões-pretos (*Apus apus*) no Dia Mundial da Pessoa Refugiada. Foto: arquivo Quercus.

Em diversas ocasiões, as actividades do CERAS foram divulgadas em vários órgãos de comunicação social, de âmbito regional e nacional.

Graças ao trabalho da equipa de voluntários, o CERAS mantém a forte aposta na divulgação do seu trabalho nas redes sociais, as quais mantêm actualizadas com vídeos e imagens dos animais em recuperação, libertações, além de responder às várias solicitações que surgem através de mensagens e comentários. A página do Facebook conta com mais de 14 mil seguidores e a do Instagram com mais de 600 seguidores.

A página da Quercus manteve-se actualizada com os animais presentes no centro e disponíveis para apadrinhamento.



Imagens 43 e 44 - O CERAS esteve presente por duas vezes em 2018 no Programa Manhãs na TV da Kuriakos TV. Foto: arquivo KuriakosTV.



Imagem 45 - O CERAS explicou o que fazer se encontrar um animal selvagem ferido durante o Minuto Verde, rubrica do Bom Dia Portugal, exibido na RTP, em parceria com a Quercus. Foto: arquivo RTP.



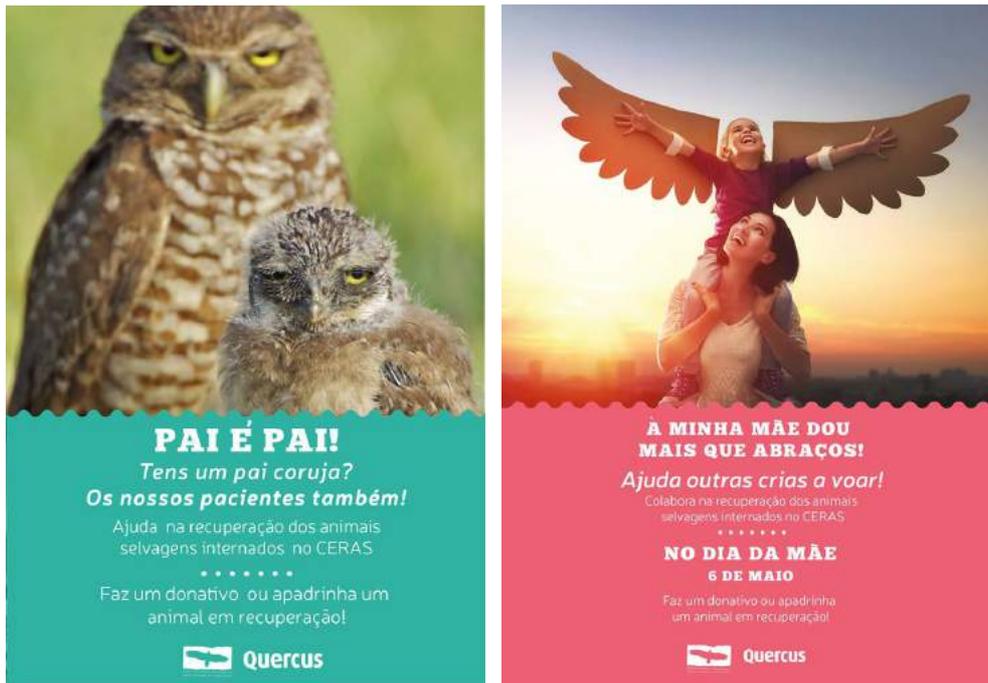
Imagem 46 - O Programa Biosfera da RTP esteve no CERAS, com a questão “Pode a sociedade coexistir com os animais selvagens?” Foto: arquivo RTP.



Imagem 47 - O apoio do Festival Boom ao CERAS foi notícia no Primeiro Jornal da SIC. Foto: arquivo SIC.

4.4. Manutenção, divulgação e captação de recursos

De forma a assegurar a sustentabilidade económica do centro têm-se estabelecido protocolos de colaboração com diversas empresas e solicitado o apoio, quer em dinheiro (ex. apadrinhamentos) quer em géneros. Vários particulares foram realizando donativos em géneros.



Imagens 48 e 49 - Campanha de apadrinhamento, divulgada nos meios de comunicação digitais, com destaque para as festividades.

Graças ao apoio da empresa GOOD MOOD foi possível adquirir vários materiais e equipamentos veterinários, como uma mesa e uma lâmpada de exame e cirurgia, bem como vários instrumentos cirúrgicos. O donativo incluiu ainda material para as obras de ampliação das instalações exteriores onde recuperam os animais internados no CERAS.



Imagens 50 e 51 - Alguns dos vários materiais e instrumentos cirúrgicos oferecidos pela GOOD MOOD no âmbito do projecto KARUNA. Fotos: arquivo Quercus.

4.5 Formação

Em 2018, o CERAS manteve a colaboração com os cursos de Enfermagem Veterinária e Cuidados Veterinários da Escola Superior Agrária de Castelo Branco (ESACB), nomeadamente através de palestras sobre o funcionamento dos centros de recuperação, principais causas de entrada e espécies admitidas, bem como considerações sobre a manipulação de animais selvagens, exame físico e noções básicas de terapêutica. Na componente prática foram integrados alunos nas tarefas diárias do centro e na realização dos exames complementares de diagnóstico, sobretudo no exame radiográfico e na recolha de amostras e análise destas no Laboratório de Parasitologia da ESA.



Imagem 52 - Coruja-do-mato (*Strix aluco*) posicionada para exame radiográfico.

Foto: arquivo Quercus.

O CERAS colaborou também com o curso de Enfermagem Veterinária da Escola Superior Agrária de Elvas, cujos alunos se deslocaram até à ESACB para formação teórica e prática sobre os procedimentos básicos em animais selvagens.

Tal como nos anos anteriores, o CERAS renovou a sua parceria com algumas entidades, nomeadamente com o FAUNA (Núcleo de Animais Exóticos, Selvagens e Silvestres da Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa). Em 2018, o CERAS foi o convidado do FAUNA para as Jornadas Práticas de Medicina de Fauna Selvagem, com as quais foi possível simultaneamente contribuir para a formação de estudantes de medicina veterinária,

dar a conhecer os projectos desenvolvidos pelo núcleo regional de Castelo Branco da Quercus e angariar parte das receitas dessas Jornadas.



Imagem 53 - As jornadas contaram com cerca de 30 participantes, sobretudo do curso de Medicina Veterinária, e foram leccionados conteúdos teóricos e práticos, com a participação de médicos-veterinários e professores da ESA-IPCB e da FMV-UL.

O CERAS foi convidado pela Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Murcia para estar presente nas *Jornadas Retos y Experiencias en la Gestión de La Fauna Silvestre*, dando uma pequena palestra sobre a realidade experienciada no CERAS, participando na Mesa Redonda do tema Conservação de Fauna Silvestre, ao lado de colegas de universidades e centros de recuperação espanhóis, e apresentando, sob a forma de *poster*, um trabalho desenvolvido por uma estagiária do CERAS, ao abrigo do programa ERASMUS+, em colaboração com o Laboratório de Parasitologia da ESA-IPCB.



Imagem 54 - Poster sobre os parasitas intestinais encontrados num juvenil de águia-imperial-ibérica (*Aquila adalberti*) que esteve em recuperação no CERAS em 2017. Foto: arquivo Quercus.



Imagem 55 - Participação na Mesa Redonda sobre Conservação de Fauna Selvagem. Foto: arquivo Quercus.

Foi realizada no dia 12 de Outubro de 2018 uma acção de formação sobre captura, manipulação e transporte de fauna para os vigilantes do ICNF e agentes do SEPNA de forma a promover a formação de novos vigilantes e agentes e a “reciclagem” de conhecimentos das equipas que regularmente trabalham com o CERAS. Participaram 19 vigilantes da natureza, 12 agentes do SEPNA e ainda vários voluntários do CERAS. Esta iniciativa foi organizada com o apoio do Dr. Nuno Costa Neves do ICNF.



Imagem 56 - Acção de formação para agentes do ICNF e SEPNA. Foto: arquivo Quercus.

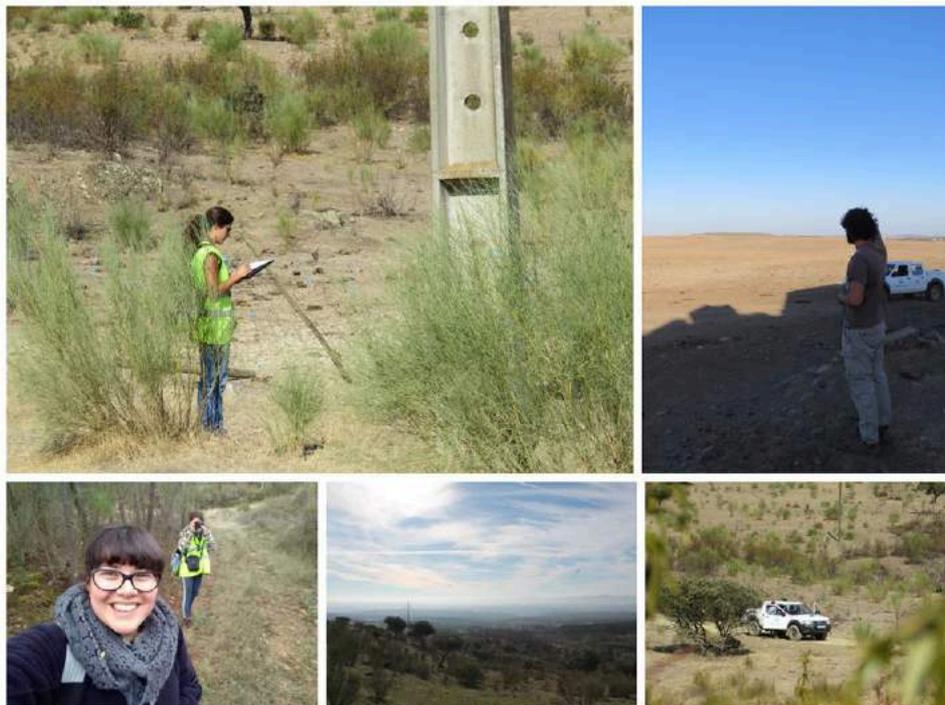
4.6. Investigação

Procurando contribuir para a investigação aplicada à conservação da Natureza, o CERAS tem participado em diversos projectos. Em 2018, essa colaboração manteve-se em relação ao Programa Antídoto Portugal (PAP) e às medidas pós-LIFE do projecto LIFE *Acções inovadoras contra o uso ilegal de venenos em áreas piloto mediterrâneas da EU*.



Imagem 57 - Amostras recolhidas no âmbito do PAP- Programa Antídoto Portugal. Foto: arquivo Quercus.

A equipa do CERAS manteve a participação activa no trabalho de campo desenvolvido no âmbito do Projecto Linhas Eléctricas e Avifauna. Em 2018 iniciou a participação no projecto LIFE LINES *Redes de Infraestruturas Lineares com Soluções Ecológicas*, coordenado pela Universidade de Évora, no qual a Quercus colabora como beneficiário associado. O objectivo deste projecto é avaliar e promover medidas destinadas a mitigar os efeitos negativos das infraestruturas lineares em várias espécies de fauna.



Imagens 58 a 62 - Algumas imagens recolhidas durante os trabalhos de campo do projecto Linhas Eléctricas e Avifauna. Fotos: arquivo Quercus.

Colaboração no projecto internacional de investigação *Diclofenac and Other Non-steroidal Anti-inflammatory Drugs (ketoprofen, carprofen, flunixin) in Avian Scavengers in the Iberian Peninsula*. Este projecto inclui diversas instituições, como a Universidade de Aveiro, a Universidade Autónoma de Barcelona (Espanha), o Instituto de Investigação em Recursos Cinegéticos (IREC) (Espanha), a Universidade de Lleida (Espanha) e a Universidade do Minnesota (Estados Unidos da América). Tem como objectivo investigar a presença do diclofenac e de outros anti-inflamatórios não esteróides em aves necrófagas da Península Ibérica. O CERAS colabora na recolha, identificação e acondicionamento de amostras.

Por sistema, foi realizada a necropsia de praticamente todos os animais que morreram no CERAS ou que deram entrada já cadáveres. As necropsias incluíram quase sempre a participação de estagiários, voluntários e/ou alunos da Escola Superior Agrária de Castelo Branco. Foram recolhidas diferentes amostras, sobretudo para estudos de parasitologia e toxicologia. Foi realizado um registo fotográfico de todos os achados macroscópicos relevantes.

Em 2018 foram produzidos 20 relatórios periciais forenses no âmbito do Programa Antídoto Portugal, 2 relatórios periciais forenses de aves de espécies protegidas vítimas de tiro e 3 relatórios técnicos de necropsia, referentes a dois casos de electrocussão e ao caso de um cadáver de um juvenil de águia-imperial-ibérica encontrado no Parque Natural do Tejo Internacional.



Imagem 63 - Necropsia de juvenil de águia-imperial-ibérica (*Aquila adalberti*).

Foto: arquivo Quercus.

A recolha de amostras de sangue de aves necrófagas prosseguiu em 2018. A partir destas amostras é feito um esfregaço sanguíneo, avaliação do hematócrito e das proteínas totais, sendo o soro conservado sob congelação para objecto de estudos no futuro.

Na presença de indicação clínica e de forma rotineira, vários animais e cadáveres foram submetidos a exame radiográfico no Centro de Investigação em Zoonoses da ESA-IPCB.

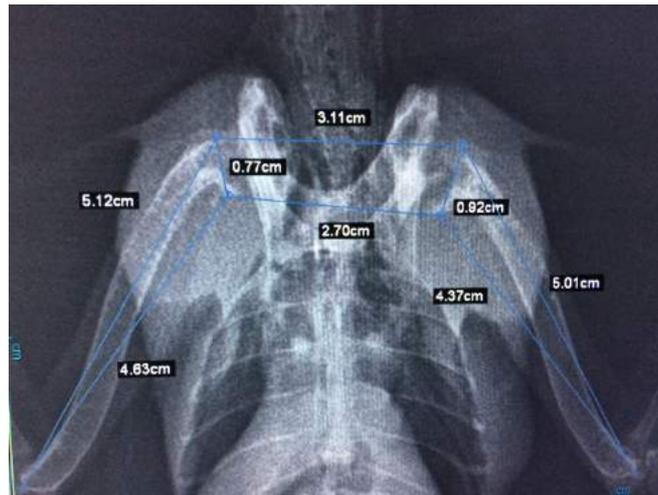


Imagem 64 - Imagem radiográfica, na projecção ventrodorsal, para estudo anatómico de uma ave e avaliação do prognóstico.



5. Objectivos futuros

O maior desafio para o CERAS a curto e médio-prazo é garantir a consolidação da equipa de trabalho.

Um dos mais importantes pilares do CERAS é a formação dos seus voluntários e estagiários e, nesse âmbito, um dos objectivos é continuar a ser capaz de os receber e acompanhar devidamente a todos os níveis, envolvendo-os não só em todas as tarefas do dia-a-dia do centro, bem como em todos os projectos com os quais possam contactar. Além disso, o CERAS tentará colaborar o tanto quanto possível em palestras, congressos e *workshops*.

Em termos de educação ambiental, prevê-se a continuação da libertação dos animais recuperados com os seus padrinhos, voluntários do CERAS, pessoas que os encontraram, agentes e vigilantes responsáveis pela recolha e entrega nos centros, além de escolas e/ou outros eventos que contribuam para aproximar o público em geral do trabalho feito no centro. Os meios de comunicação e as redes sociais continuarão a receber especial ênfase uma vez que permitem alargar grandemente o público em contacto com a missão do CERAS.

6. Bibliografia

Cabral M.J. (coord.), J. Almeida, P.R. Almeida, T. Dellinger, N. Ferrand de Almeida, M.E. Oliveira, J.M. Palmeirim, A.I. Queiroz, L. Rogado & M. Santos-Reis. 2005. Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal. Peixes Dulciaquícolas e Migradores, Anfíbios, Répteis, Aves e Mamíferos. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Dias, C. e Infante, S. 2003. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório técnico. Resultados de 2002. Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. e Silva, R. 2001. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de 1999-00. Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. 2004. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório técnico de 2003. Castelo Branco. Relatório interno.

Infante, S. e Martins, M. 2005. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório técnico de 2004. Castelo Branco. Relatório interno.

Lima, R. 2006. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2005. Castelo Branco. Relatório interno.

Lima, R. 2007. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2006. Castelo Branco. Relatório interno

Lopes, F e Infante, S. 2016. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2015. Castelo Branco. Relatório interno.

Peñuela, R e Infante, S. 2014. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2013. Castelo Branco. Relatório interno.

Peñuela, R e Infante, S. 2015. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2014. Castelo Branco. Relatório interno.



Vieira, S., Martins, M, Infante, S. e Azorin, B. 2008. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2007. Castelo Branco. Relatório interno.

Vieira, S., Martins, M, Infante, S. e Azorin, B. 2009. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2008. Castelo Branco. Relatório interno.

Vieira, S., Martins, M, Infante, S. e Azorin, B. 2010. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2009. Castelo Branco. Relatório interno.

Vieira, S., Martins, M, Infante, S. e Azorin, B. 2011. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2010. Castelo Branco. Relatório interno.

Vieira, S., Martins, M, Infante, S. e Azorin, B. 2012. Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens de Castelo Branco – Relatório de actividades 2011. Castelo Branco. Relatório interno.

Anexo I: Tabela 2 - Historial dos animais admitidos no CERAS em 2018

Espécie	Entidade	V ou M	Causa de entrada	Resolução
<i>Ardea cinerea</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Tiro	Morto
<i>Accipiter nisus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Buteo buteo</i>	Quercus	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Ardea cinerea</i>	SEPNA-GNR	Morto	Desconhecida	Já entrou morto
<i>Turdus philomelus</i>	Quercus	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Buteo buteo</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>amostra/isco</i>	SEPNA-GNR	Isco/amostra	Envenenamento ou intoxicação	Não aplicável
<i>amostra/isco</i>	SEPNA-GNR	Isco/amostra	Envenenamento ou intoxicação	Não aplicável
<i>Buteo buteo</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Tiro	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Envenenamento ou intoxicação	Libertado
<i>Tyto alba</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Canis lupus familiaris</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Buteo buteo</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Tiro	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com cabos	Libertado
<i>Strix aluco</i>	PSP	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Mauremys leprosa</i>	Quercus	Vivo	Desconhecida	Libertado
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Falco tinnunculus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Strix aluco</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Meles meles</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Meles meles</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Envenenamento ou intoxicação	Morto
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com edifícios/janelas	Libertado
<i>Mauremys leprosa</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Doença	Morto
<i>Genetta genetta</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Turdus merula</i>	Particular	Vivo	Ataque de outro animal	Morto
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Strix aluco</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Strix aluco</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Streptopelia decaocto</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Ataque de outro animal	Morto

<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus pallidus</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Phalacrocorax carbo</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Carduelis carduelis</i>	Particular	Vivo	Captura fortuita	Libertado
<i>Apus pallidus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Strix aluco</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Gyps fulvus</i>	RIAS-ICNF	Vivo	Debilidade	Pendente
<i>Gyps fulvus</i>	RIAS-ICNF	Vivo	Debilidade	Pendente
<i>Gyps fulvus</i>	RIAS-ICNF	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Carduelis chloris</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Recolocado no ninho
<i>Apus pallidus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Strix aluco</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Corvus corone</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Apus pallidus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Circaetus gallicus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Outra	Libertado
<i>Turdus merula</i>	Particular	Vivo	Colisão com edifícios/janelas	Morto
<i>Strix aluco</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Vulpes vulpes</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Fuga
<i>Mauremys leprosa</i>	Particular	Vivo	Captura fortuita	Libertado
<i>Sturnus unicolor</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Carduelis chloris</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Strix aluco</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Cervus elaphus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Sturnus unicolor</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Erinaceus europaeus</i>	PSP	Vivo	Doença	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Sturnus unicolor</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Hirundo rustica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Hirundo rustica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Hirundo rustica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Fuga
<i>Martes foina</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Tyto alba</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto

<i>Sturnus unicolor</i>	Quercus	Vivo	Ataque de outro animal	Morto
<i>Serinus serinus</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Turdus merula</i>	Quercus	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Pipistrellus pipistrellus</i>	Particular	Vivo	Ataque de outro animal	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Doença	Morto
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Fuga
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Sturnus unicolor</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Gyps fulvus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Tadarida teniotis</i>	Quercus	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	PNTI-ICNF	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus apus</i>	Particular	Vivo	Ataque de outro animal	Libertado
<i>Chalcides striatus</i>	Particular	Vivo	Ataque de outro animal	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Herpestes ichemounon</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Buteo buteo</i>	ICNF outros	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Falco tinnunculus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Doença	Fuga
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Athene noctua</i>	Particular	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Sus scrofa</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Doença	Morto
<i>Athene noctua</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Fuga
<i>Hirundo rustica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Sturnus unicolor</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Apus apus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto

<i>Gyps fulvus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Upupa epops</i>	Particular	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Athene noctua</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Doença	Morto
<i>Athene noctua</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Doença	Libertado
<i>Streptopelia decaocto</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Ataque de outro animal	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Sturnus unicolor</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Turdus merula</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Apus apus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus apus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Mauremys leprosa</i>	Particular	Vivo	Captura ou cativo ilegal	Libertado
<i>Apus apus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Sturnus unicolor</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com edifícios/janelas	Libertado
<i>Aegypius monachus</i>	PNTI-ICNF	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Delichon urbica</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Morto	Electrocussão	Já entrou morto
<i>Delichon urbica</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus apus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Apus pallidus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus apus</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Fuga
<i>Otus scops</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Picus viridis</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Doença	Morto
<i>Strix aluco</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Strix aluco</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Recolocado no ninho
<i>Accipiter gentilis</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus apus</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Apus apus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Morto

<i>Apus apus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Otus scops</i>	Particular	Vivo	Captura fortuita	Libertado
<i>Apus apus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Corvus corone</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Mauremys leprosa</i>	Quercus	Vivo	Captura ou cativeiro ilegal	Libertado
<i>Apus apus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Athene noctua</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Carduelis chloris</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Corvus corax</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Captura ou cativeiro ilegal	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Poluição (oleados, preso em fios, etc.)	Morto
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Athene noctua</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus apus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Apus apus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com edifícios/janelas	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Morto	Colisão com veículos/atropelamento	Já entrou morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Morto	Colisão com veículos/atropelamento	Já entrou morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Morto	Colisão com cabos	Já entrou morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com cabos	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	SEPNA-GNR	Morto	Electrocussão	Já entrou morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com cabos	Morto
<i>Apus apus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Sus scrofa</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Apus apus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Fuga
<i>Athene noctua</i>	Particular	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com cabos	Morto
<i>Accipiter nisus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Athene noctua</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Apus pallidus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com edifícios/janelas	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com cabos	Morto
<i>Apus pallidus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado

<i>Apus pallidus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Vulpes vulpes</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Athene noctua</i>	Particular	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Falco tinnunculus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Apus pallidus</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus apus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Pendente
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Poluição (oleados, preso em fios, etc.)	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Morto	Colisão com veículos/atropelamento	Já entrou morto
<i>Merops apiaster</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Merops apiaster</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Poluição (oleados, preso em fios, etc.)	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Athene noctua</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Apus pallidus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Falco tinnunculus</i>	Quercus	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Sturnus unicolor</i>	Particular	Vivo	Outra	Morto
<i>Tyto alba</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com edifícios/janelas	Libertado
<i>Ciconia ciconia</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Athene noctua</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	Particular	Vivo	Poluição (oleados, preso em fios, etc.)	Morto
<i>Martes foina</i>	Quercus	Morto	Colisão com veículos/atropelamento	Já entrou morto
<i>Coluber hippocrepis</i>	Particular	Morto	Ataque de outro animal	Já entrou morto
<i>Apus pallidus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto

<i>Athene noctua</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Aquila pennata</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Passer domesticus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Ciconia ciconia</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Colisão com cabos	Libertado
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Neophron percnopterus</i>	PNSSM-ICNF	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Gyps fulvus</i>	PNSSM-ICNF	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Corvus corax</i>	Particular	Vivo	Captura ou cativeiro ilegal	Morto
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Carduelis chloris</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Passer domesticus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Pipistrellus pipistrellus</i>	Particular	Vivo	Outra	Libertado
<i>Gyps fulvus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Carduelis chloris</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Morto
<i>Aegypius monachus</i>	PNTI-ICNF	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Delichon urbica</i>	Particular	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Tyto alba</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Gyps fulvus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Aquila pennata</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Tyto alba</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Aquila pennata</i>	PNTI-ICNF	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Erinaceus europaeus</i>	Particular	Vivo	Captura ou cativeiro ilegal	Libertado
<i>Athene noctua</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Passer domesticus</i>	Quercus	Vivo	Doença	Morto
<i>Pernis apivorus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Doença	Morto

<i>Apus pallidus</i>	ICNF outros	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	SEPNA-GNR	Morto	Colisão com veículos/atropelamento	Já entrou morto
<i>Gyps fulvus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Accipiter gentilis</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Vulpes vulpes</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Doença	Morto
<i>Capreolus capreolus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Podiceps cristatus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Caprimulgus europaeus</i>	Particular	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Aegypius monachus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Apus apus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Falco tinnunculus</i>	Quercus	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Sylvia atricapilla</i>	Quercus	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Aquila pennata</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Meles meles</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Passer domesticus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Athene noctua</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Streptopelia decaocto</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Ataque de outro animal	Morto
<i>Caprimulgus ruficollis</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Debilidade	Morto
<i>Columba livia</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Doença	Morto
<i>Buteo buteo</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Columba livia</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Phylloscopus collybita</i>	PSP	Vivo	Colisão com cabos	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Envenenamento ou intoxicação	Morto
<i>Pipistrellus pipistrellus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Lanius senator</i>	Quercus	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Morto
<i>Apus pallidus</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus pallidus</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus pallidus</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Apus apus</i>	Quercus	Vivo	Ataque de outro animal	Morto
<i>Tyto alba</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Pendente
<i>Larus fuscus</i>	Quercus	Vivo	Trauma origem desconhecida	Pendente
<i>Larus fuscus</i>	Quercus	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto

<i>Ardea cinerea</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Bubo bubo</i>	Quercus	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Falco tinnunculus</i>	Quercus	Vivo	Debilidade	Libertado
<i>Tyto alba</i>	Quercus	Vivo	Queda de ninho ou órfão	Libertado
<i>Aegypius monachus</i>	ICNF outros	Vivo	Envenenamento ou intoxicação	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	ICNF outros	Vivo	Envenenamento ou intoxicação	Morto
<i>Canis lupus familiaris</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>amostra/isco</i>	SEPNA-GNR	Isco/amostra	Envenenamento ou intoxicação	Não aplicável
<i>amostra/isco</i>	SEPNA-GNR	Isco/amostra	Envenenamento ou intoxicação	Não aplicável
<i>Accipiter nisus</i>	Particular	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Felis catus</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Felis catus</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Gyps fulvus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Delichon urbica</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Canis lupus familiaris</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>amostra/isco</i>	SEPNA-GNR	Isco/amostra	Envenenamento ou intoxicação	Não aplicável
<i>amostra/isco</i>	SEPNA-GNR	Isco/amostra	Envenenamento ou intoxicação	Não aplicável
<i>Streptopelia decaocto</i>	ICNF outros	Vivo	Trauma origem desconhecida	Libertado
<i>Elanus caeruleus</i>	ICNF outros	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Aegypius monachus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Envenenamento ou intoxicação	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	ICNF outros	Vivo	Envenenamento ou intoxicação	Morto
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Quercus	Vivo	Doença	Morto
<i>Tyto alba</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Streptopelia decaocto</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Desconhecida	Libertado
<i>Bubulcus ibis</i>	Quercus	Vivo	Colisão com cabos	Morto
<i>Strix aluco</i>	Quercus	Vivo	Trauma origem desconhecida	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Trauma origem desconhecida	Pendente
<i>Gyps fulvus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Strix aluco</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Captura fortuita	Libertado
<i>Corvus monedula</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Tiro	Morto
<i>Gyps fulvus</i>	ICNF outros	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Corvus corone</i>	ICNF outros	Vivo	Doença	Libertado
<i>Sturnus unicolor</i>	Quercus	Vivo	Colisão com edifícios/janelas	Morto

<i>Canis lupus familiaris</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Canis lupus familiaris</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Erithacus rubecula</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com edifícios/janelas	Libertado
<i>Ardea cinerea</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Ataque de outro animal	Morto
<i>Corvus corone</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Electrocussão	Morto
<i>Canis lupus familiaris</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Canis lupus familiaris</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Corvus corax</i>	Quercus	Morto	Electrocussão	Já entrou morto
<i>Vulpes vulpes</i>	SEPNA-GNR	Morto	Armadilha	Já entrou morto
<i>Vulpes vulpes</i>	SEPNA-GNR	Morto	Envenenamento ou intoxicação	Já entrou morto
<i>Ardea cinerea</i>	ICNF outros	Vivo	Juvenil desorientado	Libertado
<i>Falco tinnunculus</i>	SEPNA-GNR	Vivo	Colisão com veículos/atropelamento	Libertado
<i>Circus aeruginosus</i>	PNSSM-ICNF	Vivo	Tiro	Morto

Legenda:**V – Animal que entrou vivo****M – Animal que já entrou morto**